

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**ESCOLA DE ENFERMAGEM**  
**Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica**

**Kamila da Costa Pereira**

**O APOIO DO ACOMPANHANTE A MULHER DURANTE O  
TRABALHO DE PARTO**

**Belo Horizonte**  
**2013**

**Kamila da Costa Pereira**

## **O APOIO DO ACOMPANHANTE A MULHER DURANTE O TRABALHO DE PARTO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Enfermagem Obstétrica.

Orientadora: Erika da Silva Dittz

**Belo Horizonte**

**2013**

P434a Pereira, Kamila da Costa

O apoio do acompanhante a mulher durante o trabalho de parto /  
Kamila da Costa Pereira– Belo  
Horizonte : [s.n.], 2013.  
29f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Enfermagem  
Obstétrica) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Orientadora: Érika da Silva Dittz

1. Acompanhantes Formais em Exames Físicos. 2. Trabalho de Parto.  
3. Parto I. Dittz, Érika da Silva. II. Universidade Federal de Minas Gerais.  
III. Título

NLM: WQ 100

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por abençoar meu caminho e dar força para não desistir.

Aos meus pais, Vera e Camilo, pois sem vocês esse sonho não se tornaria realidade.

Aos meus irmãos, Gustavo, Cristiano e Victor, pelo apoio e carinho.  
Aos amigos e demais familiares pela torcida.

A minha orientadora, Erika Dittz, pela paciência e tempo dedicado. Pela compreensão em meio as dificuldades encontradas pelo caminho.

Cada dia que amanhece assemelha-se a uma página em branco, na qual gravamos os nossos pensamentos, ações e atitudes. Na essência, cada dia é a preparação de nosso próprio amanhã.

(Chico Xavier)

## RESUMO

No final do século XX, surgem novos modelos de atenção à saúde da mulher, da criança e da família que se traduzem em práticas de desmedicalização e humanização da assistência. O objetivo deste trabalho é estudar o apoio oferecido pelo acompanhante à mulher durante o trabalho de parto no Brasil. Trata-se de uma revisão bibliográfica realizada na base de dados Literatura Latino Americana em Ciências da Saúde (LILACS) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO), utilizando 12 artigos publicados de janeiro/2005 a maio/2013. Foram definidos, como critérios de inclusão, estudos realizados no Brasil, publicados em língua portuguesa e disponíveis on-line. A análise dos artigos permitiu identificar as seguintes categorias: os sentimentos vivenciados pela parturiente e o apoio oferecido pelo acompanhante; os benefícios decorrentes da presença do acompanhante junto à parturiente; o acompanhante durante o processo de parturição; os limites impostos pelos profissionais e pelas instituições de saúde. O estudo permitiu identificar que a presença do acompanhante durante o trabalho de parto proporciona às parturientes minimização de sentimentos como: solidão, medo e ansiedade, além de diminuição da dor, do tempo de trabalho de parto, do uso de medicamentos para alívio da dor, do número de cesáreas e aponta também para o fortalecimento do vínculo familiar e a valorização da mulher. Como limites apontados pelas instituições e profissionais, percebe-se a dificuldade dos profissionais de saúde em lidar com a presença do acompanhante por medo da suposta violência dos acompanhantes e dos possíveis questionamentos sobre a conduta profissional e a alteração da assistência e da rotina hospitalar.

**Palavras-chaves:** Trabalho de parto; Parto; Acompanhantes de pacientes.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
LILACS	Literatura Latino Americana em Ciências da Saúde
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
PHPN	Programa de Humanização do Parto e Nascimento
SCIELO	Scientific Electronic Library Online

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>3.1</b>	<b>Os sentimentos vivenciados pela parturiente e o apoio oferecido pelo acompanhante.....</b>	<b>13</b>
<b>3.2</b>	<b>Os benefícios decorrentes da presença do acompanhante junto à parturiente.....</b>	<b>17</b>
<b>3.3</b>	<b>O acompanhante durante o processo de parturição e os limites impostos pelos profissionais e pelas instituições de saúde.....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>25</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>



## 1 INTRODUÇÃO

No final do século XX, surgem novos modelos de atenção à saúde da mulher, da criança e da família que se traduzem em práticas de desmedicalização e humanização da assistência à mulher e modificam as expectativas das mesmas em relação ao parto incluindo-se o atendimento de enfermagem-obstétrica (BRÜGGEMANN; PARPINELLI; OSIS, 2005; MOURA; LOPES; SANTOS, 2009).

Através do apoio contínuo durante o trabalho de parto, podemos apontar inúmeros benefícios como a redução dos nascimentos por cesariana, maior envolvimento da família, promoção do incentivo à amamentação e melhora do bem-estar da mãe e do recém-nascido (BRÜGGEMANN; PARPINELLI; OSIS, 2005; MOURA; LOPES; SANTOS, 2009).

Diante disso, a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda, desde 1985, que a presença de um acompanhante beneficia a parturiente uma vez que ela se sente mais tranquila e segura, além de reduzir o risco de desenvolver depressão pós-parto (BRÜGGEMANN; PARPINELLI; OSIS, 2005). Esse achado é reforçado por Longo, Andraus e Barbosa (2010).

Para Nakano et al. (2007), apesar de os serviços incorporarem como norma institucional a participação do acompanhante no processo de parturição, o Brasil está muito aquém da meta de cumprimento dos preceitos da humanização. Um obstáculo para a humanização é a vigência de um modelo tecnocrático, incorporado profundamente às práticas de cuidado à mulher durante o parto e nascimento.

O interesse pelas necessidades da mulher durante o parto como um toque ou o ato de segurar a mão por um acompanhante já é resultado de uma mudança da concepção do parto, tanto para as mulheres que o vivenciam, como para os profissionais, que têm a possibilidade de encará-lo de forma mais humana e menos técnica (NAKANO et al., 2007). Por outro lado, estudos realizados por Longo, Andraus e Barbosa (2010); Oliveira et al. (2011); Nakano et al., (2007) e Brüggemann e Parpinelli e Osis (2005) evidenciam que alguns serviços de saúde apresentam, como obstáculos à participação de acompanhantes, a inadequada infraestrutura e principalmente a falta de preparo da equipe de saúde para lidar com a recomendação do Ministério da Saúde (MS) nesse sentido.

A Lei nº 10.241 de 1999 (Lei do Estado de São Paulo) foi uma das primeiras a dispor sobre os direitos dos usuários dos serviços e das ações de saúde quanto à presença do pai, nos exames pré-natais e no momento do parto (SÃO PAULO, 1999). A Lei federal 11.108/05 dispõe sobre a presença do acompanhante como direito válido desde o pré-parto, incluindo o parto em si, até o final do pós-parto imediato ou até a alta (BRASIL, 2005).

Cabe ressaltar que, em Belo Horizonte, no ano de 2005, entra em vigor a Lei municipal nº 9.016/05 que assegura à parturiente a presença de acompanhante da escolha da parturiente durante o trabalho de parto, garantindo-lhe autonomia e privacidade (BELO HORIZONTE, 2005).

Além da legislação, programas de saúde como o Programa de Humanização do Parto e Nascimento (PHPN), criado pela portaria nº 1.067/GM de 4 de julho de 2005 (BRASIL, 2005), e Rede Cegonha, pelas portarias nº 1.459, de 24 de junho de 2011 e portaria nº 2.351, de 5 de outubro de 2011 (BRASIL, 2011a,b) defendem a presença do acompanhante durante a internação. Nesse sentido, oferecem recursos financeiros para a adequação do ambiente de forma a proporcionar condições de repouso durante a internação da mulher.

Tendo em vista as repercussões benéficas, bem como o aparato legal e as políticas de saúde sobre o tema escolhido, este estudo é relevante, visto que poderá contribuir para o conhecimento dos profissionais que assistem a mulher, o parto e o nascimento quanto aos efeitos da presença do acompanhante.

Além dos estudos e da legislação apresentados, o interesse pelo tema de estudo tem sustentação em minha vivência enquanto especializanda de enfermagem obstétrica. Ao acompanhar as parturientes, eu observava que, quando o acompanhante não estava presente, a mulher expressava sentimentos de ansiedade e angústia. Por outro lado, quando o acompanhante estava junto da parturiente, o parto e o nascimento eram vivenciados de forma mais tranquila. Foram essas observações que me motivaram a buscar conhecer os efeitos do suporte oferecido pelo acompanhante para a mulher durante o trabalho de parto.

Assim, o objetivo deste trabalho é estudar o apoio oferecido pelo acompanhante à mulher durante o trabalho de parto no Brasil.

## 2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como sendo uma revisão bibliográfica, método que permite a inclusão de estudos com diferentes abordagens metodológicas, com o objetivo de definir conceitos, rever teorias, analisar evidências e questões metodológicas de um tema específico (GOLDENBERG, 1998).

Foi definido, para a pesquisa, o período de janeiro de 2005 a maio de 2013. A data de início da pesquisa deve-se à publicação da Lei do Acompanhante n. 11.108/05 (BRASIL, 2005) que oferece respaldo legal para a presença do acompanhante junto à mulher durante o parto e o puerpério.

Além disso, foram definidos, como critérios de inclusão, estudos realizados no Brasil, publicados em língua portuguesa e disponíveis on-line. Foram utilizadas as bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Literatura Latino Americana em Ciências da Saúde (LILACS) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO), sendo que a pesquisa foi realizada por uma bibliotecária, com experiência na utilização da referida base de dados.

Inicialmente, foi realizada uma busca utilizando-se apenas os seguintes descritores: trabalho de parto, parto e “acompanhantes de pacientes” que resultou em sete artigos. Tendo em vista que, no processo de delimitação do objeto deste estudo, havia sido localizado, pela pesquisadora, um maior número de artigos que não constavam dessa primeira busca, optou-se por combinar os descritores trabalho de parto / parto com as seguintes palavras-chave: acompanhante(s), pai(s), família e suporte. Essa redefinição possibilitou ampliar o número de publicações que atendiam ao objetivo do estudo.

Após a busca, foi realizada uma leitura de todos os resumos que possibilitou definir o total de artigos que seriam incluídos no estudo.

Conforme citado anteriormente, a primeira busca na base de dados LILACS, utilizando apenas os descritores, resultou em sete artigos. Destes, um não estava disponível na íntegra, três não atenderam o objetivo da pesquisa e três foram localizados repetidos na base de dados SCIELO e apenas um foi selecionado para utilização na pesquisa.

A pesquisa na base de dados LILACS utilizando a combinação de descritores e palavras-chave resultaram em 28 artigos; 21 artigos não atenderam ao objetivo da

pesquisa. Assim, apenas sete atendiam aos critérios de inclusão e ao objetivo do estudo.

Na busca realizada na base de dados SCIELO, apenas com descritores, foram localizados quatro artigos, sendo que dois repetem na base de dados LILACS. Na segunda busca nesta base de dados foram localizados 35 artigos; destes, 30 não atenderam ao objetivo do estudo, três estavam duplicados e dois foram selecionados (QUADRO 1).

QUADRO 1

Descrição do resultado de busca nas bases de dados LILACS e SCIELO

RESULTADO DA BUSCA				
	LILACS	Não atendeu	Repetidos	Artigos selecionados
DESCRITORES	07	03	03	01
DESCRITORES + PALAVRAS CHAVES NO TÍTULO	28	21	07	07
	SCIELO	Não atendeu	Repetidos	Artigos selecionados
DESCRITORES	04	00	02	02
DESCRITORES + PALAVRAS CHAVES NO TÍTULO	35	30	03	02
<b>TOTAL</b>				<b>12</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Na estruturação do texto, os artigos incluídos por meio da revisão de literatura estão apresentados em negrito e, na lista de referência bibliográfica, os artigos estão precedidos por um asterisco (\*).

A partir da leitura dos textos selecionados e que atendiam ao objetivo proposto pelo estudo, foram construídas três categorias que serão apresentadas no capítulo a seguir.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos artigos permitiu identificar as seguintes categorias: os sentimentos vivenciados pela parturiente e o apoio oferecido pelo acompanhante; os benefícios decorrentes da presença do acompanhante junto à parturiente; e o acompanhante durante o processo de parturição e os limites impostos pelos profissionais e pelas instituições de saúde.

#### 3.1 Os sentimentos vivenciados pela parturiente e o apoio oferecido pelo acompanhante

Basicamente esses sentimentos são de conforto, segurança e minimização da solidão. Esses sentimentos foram descritos nos estudos de **Oliveira et al. (2011)**; **Silva e Siqueira (2007)**; **Nakano et al. (2007)**; **Silva et al. (2012)**.

O estudo de **Silva e Siqueira (2007)**, realizado em maternidade de São Paulo, mostrou a relevância das relações interpessoais no processo da parturição possibilitando apreender o medo como principal sentimento. O medo e a dor figuraram como agentes estressores preponderantes nos relatos das parturientes que vivenciaram seu parto por via vaginal. O estado de tensão foi vivido como de grande sofrimento para o qual contribuíram, certamente, numerosos fatores, entre os quais, os processos fisiológicos da parturição, sentidos como insuportavelmente dolorosos, assim como os processos psicológicos sinalizados por manifestações de angústia e ansiedade. E pelo que foi recorrentemente referido como medo, percebido como não menos doloroso, segundo os depoimentos - medo da dor, da morte, dos agravos à saúde, de imperfeições.

Adicionados a esses sentimentos, **Silva e Siqueira (2007)** relatam ainda que as parturientes vivenciaram choro, sensação de desmaio, gritos, esfriamento de mãos e pés, gemidos, sudorese, tremores. Por outro lado, relatam que a presença do acompanhante provocou sentimentos de confiança e sensação de acolhimento.

**Brüggmann, Parpinelli e Osis (2005)** afirmam que a equipe deve respeitar, valorizar e estimular a escolha da parturiente sobre seu acompanhante, pois esse apoio pode contribuir para uma experiência positiva para todos os envolvidos, “pois a mulher sabe que tipo de apoio deseja, e qual pessoa de sua rede social tem

condições de lhe proporcionar o que espera receber” (**BRÜGGMANN; PARPINELLI; OSIS, 2005, p. 158**).

Longo, Andraus e Barbosa (2010) afirmam que participação do acompanhante durante o trabalho de parto, como facilitador, está relacionado ao apoio emocional, uma vez que a equipe de saúde nem sempre tem condições de oferecer à parturiente esse apoio em tempo integral. Teles et al. (2010) reforçam esse entendimento em estudo realizado com puérperas no qual constataram que a presença do acompanhante durante o trabalho de parto proporcionou, à parturiente, apoio emocional e apoio físico. O acompanhante, auxilia a mulher com palavras de encorajamento, com técnicas para a redução do desconforto físico, com a presença constante, com o toque e com as massagens.

No estudo de **Nakano et al. (2007)**, os sentimentos registrados pelos 12 acompanhantes de parturientes assistidas também foram de medo e ansiedade, principalmente na hora da expulsão da criança, pois ficaram atordoados pela sensação de dor da mulher, apesar de a instituição onde a pesquisa foi realizada valorizar a presença do acompanhante e de serem oferecidas constantes orientações sobre o processo de parto.

Os resultados encontrados no estudo de Rodrigues e Siqueira (2008) permitiram compreender a produção dos efeitos favoráveis do acompanhante sobre o estresse materno em relação ao medo, à ansiedade e à dor, numa pesquisa empírica realizada em maternidade de São Paulo, Brasil.

O estudo de **Oliveira e Silva (2012)**, realizado por meio do método clínico - qualitativo e objetivando identificar a percepção dos pais acerca das reações psicológicas vivenciadas durante o parto, apontou que esses pais se mobilizaram para procurar informações sobre o parto e a gestação por meio de fontes diversas. A entrada e a permanência na sala de parto foram percebidas como impactantes e os sentimentos vivenciados durante esse processo mostraram-se ambivalentes, apesar de sua participação ter sido fundamental para a construção da relação pai- filho na visão dos entrevistados, pois todos estiveram abertos para a participação no parto.

Os relatos mais significativos sobre a importância da participação do acompanhante na visão da parturiente centraram-se na minimização dos sentimentos de medo e de solidão que se somavam às dores. Conversar, proporcionar segurança para amenizar o medo, dar atenção, segurar a mão, explicar

acontecimentos e preocupar-se com o bebê são expectativas da mulher em relação ao acompanhante (**OLIVEIRA et al.; 2011; OLIVEIRA; SILVA, 2012**).

**Motta e Crepaldi (2005)**, ao caracterizarem apoio emocional oferecido pelo companheiro à mulher em trabalho de parto, apontaram para acompanhamento do marido, companheiro ou namorado, no momento do parto e/ou imediatamente após o parto, realçado com satisfação.

Jardim e Penna (2012) afirmam que a presença do pai-acompanhante pode trazer benefícios para a parturiente, o recém-nascido e a família, pois, ao demonstrar seu envolvimento emocional e afetivo, o pai tem a responsabilidade compartilhada com a mulher.

De acordo com **Alexandre e Martins (2009, p. 329)**, sentimentos de insegurança são observados, pois, “o mundo do hospital pode ser desconhecido e assustador para a mulher”. Quando internadas, retiram suas roupas e pertences, “tornado-se ‘mais uma’ entre as muitas outras mulheres à espera do parto”. Nesse momento, o marido é seu ponto de referência e segurança. E é por isso que esses autores acreditam que apenas uma visita à maternidade não é suficiente para possibilitar à mulher e ou/família familiarização com o local, desencadeando ainda insegurança e medo frente aos acontecimentos.

No estudo de Carvalho (2003), desenvolvido numa maternidade pública do Rio de Janeiro, realizaram – se observação e entrevistas com onze pais. Mostrou-se que algumas mulheres expressaram claramente não desejar a presença do pai; há mulheres que não se sentem confortáveis com a presença do acompanhante. É fundamental o respeito ao desejo da mulher. O medo da experiência e a vergonha de se expor foram impedimentos para muitos pais participarem, indicando a necessidade de preparação dos acompanhantes.

Os sentimentos envolvidos no processo de nascimento são bastante significativos para a parturiente. Na opinião de Oliveira, Rodrigues e Guedes (2011), a mulher reage ao que recebe de maneira positiva ou negativa, percebendo o acompanhante solidarizando-se com suas expressões de dor e alegria, vendo a possibilidade de compreensão do que está sentindo.

Carvalho (2003) apresenta que a participação dos pais no nascimento, participando da humanização da assistência ao parto, promove o suporte psicossocial à gestante, além da experiência pelo casal no compartilhamento e formação de vínculo pai-filho. Nos sentimentos expressos pelas mulheres, verificou-



se o valor atribuído à escolha de pessoas conhecidas, com destaque para as mães. A figura da mãe da parturiente, em alguns relatos, traz à tona, representações tradicionais de masculinidade e de parto.

Hotimsky e Alvarenga (2002), ao descreverem padrões de acompanhamento na cena do parto evidenciaram que, na maioria das vezes (55,4% ou 92 dos 166 partos foram acompanhados por maridos) o cônjuge esteve presente, mas não era o único acompanhante, havendo, além dele, uma ou mais mulheres, mães ou amigas das parturientes. Para os autores, é possível, inclusive, que um dos motivos pelos quais mulheres que acompanharam, suas amigas, vizinhas e parentes seja querer compartilhar a emoção desse evento, desejando a oportunidade de presenciar a 'novidade' desse modelo de atenção.

O estudo de **Oliveira et al. (2011)**, realizado em hospital público de nível secundário em Fortaleza – Ceará, com 14 puérperas, objetivou analisar a percepção acerca da presença/participação do acompanhante durante o trabalho de parto e o parto. Os relatos mais significativos foram a importância da participação do acompanhante contribuindo na minimização dos sentimentos de solidão e dores das parturientes. Valorizou a escolha de pessoas conhecidas, com destaque para as mães.

Longo, Andraus e Barbosa (2010) afirmam que as mulheres, durante o trabalho de parto, sentem necessidade de um acompanhante com quem tiveram algum vínculo durante a gestação, uma companhia amiga e calorosa que possa acompanhá-las emocionalmente durante o processo de nascimento do filho. Além disso, a presença e o apoio dos acompanhantes ajudam a parturiente a fortalecer o vínculo afetivo da rede social.

Na pesquisa realizada por Teles et al. (2010), a maioria dos acompanhantes escolhidos pelas puérperas entrevistadas eram do sexo feminino, sendo a mãe a escolha mais frequente, seguida da escolha pelo companheiro.

**Silva et al. (2012)**, ao elaborarem uma metassíntese com as evidências sobre o trabalho das doulas no acompanhamento às mulheres em trabalho de parto e de parto, identificaram suportes relacionados aos aspectos físico, emocional, espiritual e social, como estímulo à relação mãe e filho, incentivo ao aleitamento materno e contribuição para a prevenção da depressão pós-parto.

De modo geral, as mulheres sentiram confiança e positivismo pela conversa com a doula; como se sua companhia fosse de alguém à semelhança de uma amiga

ou mãe. As sensações de relaxamento e calma sobrevindas da presença da doula também foram prevalentes nos depoimentos daquelas parturientes acompanhadas continuamente (**SILVA et al. 2012**).

Acerca da presença das doulas no momento do parto, Rodrigues e Siqueira (2008, p.1) constataram que eles foram considerados como importantes pelas parturientes.

Os cuidados recebidos foram referidos como muito bons e importantes naquele momento de "agonia", de "sofrimento". Foi recorrente a associação, verbalizada, com figuras como "anjo", "mãe", "fada". O medo de ficar só foi também reportado sendo explicitado frequentemente com pedidos para que as acompanhantes não se afastassem (RODRIGUES; SIQUEIRA, 2008, p. 1).

Um estudo realizado em um hospital filantrópico secundário, relato de experiências e suporte intraparto realizado por doulas, identificou que doulas apoiam a parturiente encorajando, tranquilizando, realizando massagens, compressa fria, além de orientações e instruções. As doulas interpretam os desejos do casal para agir a seu favor, mantendo esse suporte contínuo durante todo o trabalho de parto (LEÃO; BASTOS, 2001).

Nessa categoria, evidenciou-se que sentimentos como ansiedade e medo, quando associados ao trabalho de parto, dificultam a participação ativa da mulher no nascimento de seu filho. As mulheres necessitam de uma assistência acolhedora por parte dos profissionais assim como de seus familiares, contribuindo tanto para aliviar as expectativas negativas, como para estimular e apoiar sua participação colaborativa, transformando a experiência de dar à luz em um momento prazeroso e construtivo nessa nova etapa da vida da mulher. Pode-se inferir que os sentimentos vivenciados pela parturiente podem ser minimizados com o apoio oferecido pelo acompanhante.

### **3.2 Os benefícios decorrentes da presença do acompanhante junto à parturiente**

Esse tema esclarece os efeitos do suporte para a mulher durante o trabalho de parto fornecido pelo acompanhante, em relação ao fortalecimento familiar, à valorização da esposa, à melhoria da visão da paternidade e à desmistificação do parto normal que é considerado doloroso. Esses dados foram encontrados em

**Nakano et al. (2007); Alexandre e Martins (2007); Silva e Siqueira (2007); Souza e Dias (2010); Perdomini e Bonilha (2011) e Oliveira e Silva (2012).**

**Alexandre e Martins (2009)**, realizaram uma pesquisa em Curitiba, com sete pais, em 2006, sobre suas vivências como acompanhantes de suas esposas. Para esses autores, a presença do acompanhante favorece o fortalecimento do vínculo familiar e a valorização da mulher, pois percebe-se que, na sociedade atual, a participação do homem no processo de parto é algo desejado por ele e por sua mulher.

No que se refere à melhoria da visão da paternidade, segundo **Silva e Siqueira (2007)**:

Os sentimentos e emoções relatados pelos entrevistados demonstram a magnitude do momento que os acompanhantes tiveram em participar do momento do parto. Por ser a primeira vez que os pais participavam do nascimento de um filho surgiram também sentimentos desagradáveis, porém numa proporção significativamente inferior que a dos sentimentos agradáveis, reforçando que este momento é de transição na vida das pessoas envolvidas com a gestação e que eles estão sujeitos a vivenciarem também alguns destes sentimentos (**SILVA; SIQUEIRA, 2007, p. 330**).

O apoio oferecido pelo acompanhante à mulher no momento do parto, lhes dá coragem, esperança, confiança e segurança, promovendo a construção de vínculo e de compromisso (**SOUZA; DIAS, 2010**).

Dessa forma, a presença do acompanhante e o diálogo podem estimular a escolha da parturiente pelo parto normal (**SOUZA; DIAS, 2010**). Ainda no estudo de **Perdomini e Bonilha (2011)**, com a participação de 24 pais que estiveram presentes durante o trabalho de parto e parto de suas companheiras, no Hospital de Clínicas de Porto Alegre-RS, tem-se, como principal resultado, que a presença dos pais possibilitou dar carinho e usar palavras de apoio, construindo, para os entrevistados, uma experiência única, inexplicável e com a certeza da responsabilidade de não deixarem suas companheiras se sentirem sozinhas. Isso pôde interferir, de forma benéfica, no momento do parto deixando-as mais calmas e tranquilas.

Para Jardim e Penna (2012, p. 380), o pai acompanhante consegue “valorizar o esforço da mulher para conseguir superar esse momento revelando com encantamento sua força e persistência para vencer”. Essa valorização transforma a relação do casal, promovendo a união e o vínculo afetivo.

A desmistificação do parto foi outro benefício apontado tanto em **Alexandre e Martins (2009)** quanto em **Nakano et al. (2007)**. Antes, o parto era pensado como algo difícil e doloroso, associado ao sofrimento da mulher, um evento cheio de fantasias sobre o desconhecido. No entanto, com a participação do pai-acompanhante no momento do parto, esse evento passou a ser visto com outros olhos: a emoção de ver seu filho nascer.

Em seu estudo, Velasque, Pradebon e Cabral (2011) relatam vivências da prática assistencial. Sua pesquisa foi desenvolvida em uma unidade de Estratégia Saúde da Família e em uma maternidade. Como diferencial dessa prática, destacou-se a visita das participantes do grupo de gestantes ao centro obstétrico antes do parto. Essa estratégia, inovadora na região, foi apontada pelas mulheres assistidas como positiva, trazendo minimização da ansiedade e desmistificação do parto como evento doloroso, perigoso e desconhecido.

Outro benefício importante foi registrado no estudo de **Souza e Dias (2010)**, realizado numa maternidade pública municipal na cidade do Recife, Pernambuco: constatou-se que a presença do acompanhante reduziu as taxas de cesarianas, o uso de ocitocina, a duração do tempo do processo de parto e nascimento, o uso de analgesia / medicamentos para o alívio da dor e aumentou a satisfação materna com a experiência do nascimento. Nesse sentido, o acompanhante não apenas ajuda a cuidar dos sintomas físicos, mas também influencia as emoções que incidem sobre a evolução do processo de parto e nascimento.

Longo, Andraus e Barbosa (2010) também apresentaram esses benefícios decorrentes da presença do acompanhante, como a diminuição do tempo de trabalho de parto, utilização de menor volume de medicações e de analgesia epidural, menos escores de Apgar abaixo de sete e diminuição de cesárias.

**Brüggemann, Osis e Parpinelli (2007)** numa revisão da literatura enfocando as principais características do provedor de suporte, a simultaneidade na presença ou não do companheiro e de familiares da parturiente durante o trabalho de parto e parto, com publicações entre os anos de 1980 e 2004, também destacaram a redução da taxa de cesarianas, de analgesia e de medicamentos para alívio da dor, da duração do trabalho de parto, da utilização de ocitocina e aumento da satisfação materna com a experiência vivida.

Teles et al. (2010) analisaram as variáveis “duração do trabalho de parto” e “uso de analgesia/medicamentos para alívio da dor”. Os autores constataram que as

parturientes que receberam suporte provido por mulheres leigas e por doulas reduziram a duração do trabalho de parto. E, em relação aos métodos não farmacológicos para o alívio da dor, verificou-se que a importância do acompanhante familiar, auxiliando na deambulação, minimizou a dor das parturientes.

Visto o que foi apresentado, constata-se que a presença do acompanhante proporciona muitos benefícios às parturientes, deixando-as calmas, tranquilas, minimizando a dor, diminuindo a duração de trabalho de parto, o uso de analgesias e de cesáreas. É uma experiência positiva tanto para o acompanhante quanto para a parturiente.

### **3.3 O acompanhante durante o processo de parturição e os limites impostos pelos profissionais e pelas instituições de saúde**

Essa categoria temática esclarece os limites impostos pelos profissionais e pelas instituições de saúde à presença do acompanhante. Foram encontradas questões relativas aos problemas/ dificuldades em relação ao acompanhante com o profissional e com o hospital, falta de informação do acompanhante, a resistência do profissional à presença da doula e do acompanhante.

Podem-se identificar limites e dificuldades nos estudos de **Alexandre e Martins (2007)**; **Brüggemannl, Osis e Parpinelli (2007)**, **Motta et al (2005)**; **Silva et al (2012)**; **Santos e Nunes (2009)**; **Nakano et al. (2007)**; **Oliveira e Silva (2010)**; **Silva e Siqueira (2004)**.

No estudo de **Nakano et al. (2007)**, houve relatos de acompanhantes que se sentiram “sem coragem”, “sem atitude”, “sem saber o que fazer” e mostraram insatisfação com a forma de sua participação do momento do parto e com a forma de acolhimento da equipe.

No estudo de **Brüggemannl, Osis e Parpinelli (2007)**, os profissionais manifestaram inicialmente uma expectativa negativa diante da presença dos pais, apresentaram rejeição inicial, preconceito, medo da suposta violência dos acompanhantes e dos possíveis questionamentos sobre a conduta profissional, alteração da assistência e da rotina hospitalar em virtude da presença do acompanhante e prejuízo no atendimento devido à falta de preparo dos acompanhantes para enfrentar essa situação. Dentre as principais causas de rejeição, foram relatados o medo do desconhecido, especialmente pela falta de

habilidade do profissional em lidar com uma interação afetiva junto à parturiente e seu acompanhante. Os aspectos negativos percebidos pelos profissionais de saúde quanto à presença do acompanhante referiram-se a um possível comportamento inadequado das parturientes: algumas ficaram mais dengosas, mimadas, e desestabilizadas por acharem que o acompanhante era a “salvação”, quando estavam cansadas e pensavam que não aguentariam até o final do trabalho de parto.

Paz e Fensterseifer (2010) identificaram parturientes que tiveram comportamento inadequado na presença do acompanhante. Para esses autores, o comportamento passivo da parturiente pode ser conveniente para a equipe de saúde. No entanto, o acompanhante pode não estar preparado para acompanhar o trabalho de parto com tranquilidade. Acrescentam ainda que a presença do acompanhante no cotidiano de trabalho dos profissionais “pode gerar medo e ansiedade relacionados à incerteza e preocupações relativas à observação de como a parturiente está sendo assistida”. (PAZ e FENSTERSEIFER, 2010, p.11)

Teixeira, Sá e Arrais (2009), em estudo sobre a percepção da equipe de saúde do centro obstétrico do Hospital Regional da Asa Sul de Brasília (HRAS) sobre a participação do pai no momento do parto e nascimento relatam que os profissionais de saúde esperam um comportamento da parturiente de aceitação das circunstâncias, centrado no modelo de assistência da Instituição e não nas necessidades da mulher. Para eles, a escolha do pai como acompanhante da parturiente deveria ser mediante a obrigatoriedade de um curso e certificado. Acerca do cumprimento da Lei do Acompanhante como direito da parturiente, um dos problemas colocados foi a “falta de privacidade para as outras pacientes”.

No estudo de Carvalho (2003), realizado numa maternidade pública do Rio de Janeiro sobre o impacto da experiência do casal e do vínculo pai-bebê, foram entrevistados onze pais que participaram do parto. Nessa instituição, nas salas de espera do pré-parto e de parto, havia cartazes que afirmavam que a gestante teria direito à presença de um acompanhante, excetuando situações de “superlotação” em que era permitida apenas a presença de acompanhante do sexo feminino. Os autores constataram que, apesar da proposta de inserção, houve muitas dificuldades. Como o pré-parto possuía oito leitos, apenas seis isolados por cortinas, para os leitos sem cortina não se permitia a presença de acompanhante diante da falta de privacidade. Assim, os pais eram obrigados a retornar à sala de espera,

onde ficavam aguardando até o retorno das condições de privacidade ou até o momento do parto, devido a essa “superlotação”. Muitos pais desistiam de esperar e se retiravam. Neste estudo, algumas mulheres que escolheram o pai como acompanhante tiveram que permanecer sozinhas ou escolher uma acompanhante mulher. Também a proibição de revezamento entre os acompanhantes impediu a participação dos pais, pois, aqueles que precisavam se ausentar temporariamente por motivo de trabalho não podiam retornar.

Apesar das restrições dos profissionais de saúde em relação à presença do pai acompanhante, constata-se que essa política representa um dos itens de maior facilidade de implementação em termos de custos e de adequação da área física para a instituição, atendendo à política de saúde de atenção do parto (TEIXEIRA; SÁ; ARRAIAS, 2009).

A falta de informações foi ressaltada nos estudos de **Oliveira e Silva (2012) e Silva et al. (2012)** que discutem a presença do pai na sala de parto. Apresentaram relatos de pais que sentiram ineficiência e imposição nas orientações. A enfermeira determinou que o marido poderia conversar com a companheira, mas não poderia encostar nela ou interferir nos procedimentos que a equipe realizava. Seriam permitidos questionamentos mas, no caso de não receber resposta, seria porque os médicos estariam concentrados na cirurgia e, caso se sentisse mal, permaneceria no local até o término do parto e só então seria socorrido, o que, de certa forma é um aspecto desumanizado para com os pais, e também há relatos que informaram que, se os pais não participassem das consultas de pré natal, não estariam preparados para presenciar o momento do parto.

No estudo de **Motta e Crepaldi (2005)**, a presença passiva do pai é uma dificuldade, pois eles sentem a necessidade de saírem da sala de trabalho de parto periodicamente. Isso se deve ao baixo índice de informações transmitidas aos pais e aos aspectos emocionais provocados pela situação de parto, pela dificuldade de lidar com essas sensações, pela impossibilidade de se expressar, nesse momento, pelo desconhecimento do trabalho de parto. Dessa forma, a orientação da equipe é fundamental no desenvolvimento de uma interação mais ativa por parte dos pais. Eles precisam de orientação sobre o que pode ser feito para ajudar suas mulheres durante o trabalho de parto, como carinho, atenção e palavras de encorajamento, sendo espontâneos.

Em uma pesquisa realizada por **Alexandre e Martins (2007)** em um hospital escola de Curitiba que objetivou conhecer a vivência dos pais em relação ao trabalho de parto e parto, o tema informação aparece com destaque entre os pais que receberam informações no curso de preparação para o parto. Os pais mencionaram que o curso pode proporcionar tranquilidade e segurança para a vivência do momento do parto, despertando também algumas atitudes de apoio e segurança ofertados à esposa e filho durante a gestação e no momento do parto. Os autores afirmam que durante esse processo de nascimento, aspectos relacionados a informação devem ser melhorados, com a por parte do profissional, com informações claras e objetivas, criando um vínculo de confiança com a paciente, desencadeando a valorização da mesma e a experiência positiva para o casal. **(ALEXANDRE; MARTINS, 2007).**

Longo, Andraus e Barbosa (2010) reforçam que mesmo com as delimitações da equipe de saúde ao atendimento ao parto, é preciso reconhecer a importância do acompanhante, os benefícios do suporte oferecido por ele durante o processo de parturição. A participação do acompanhante faz parte da assistência humanizada preconizada pelo ministério da saúde, porém o profissional decide sobre a sua presença, com isso o acompanhante fica a mercê desse profissional e da instituição. Pelo exposto, os autores afirmam que é preciso dar espaço aos agentes envolvidos diretamente no processo de parturição, não deixando que a participação do acompanhante seja limitada e acrescentam que é preciso que haja incentivo governamental para adequação do espaço, contribuindo para uma experiência mais prazerosa, pois nem sempre existem investimentos por parte das instituições.

A presença e a participação do acompanhante neste processo provocam mudanças em relação à postura profissional, sendo necessário que a equipe incentive os acompanhantes a serem mais participativos. Teixeira, Sá e Arrais (2009) ressaltam que os profissionais sejam preparados previamente e que as instituições hospitalares estão trabalhando de acordo com a proposta de humanização da assistência ao parto e nascimento.

Em relação ao trabalho das doulas no acompanhamento as mulheres em trabalho de parto e parto, **Silva et al. (2012)** relataram que existem dificuldades de inserirem essa profissional junto a equipe de saúde, pelo fato de não terem clareza sobre a especificidade de seu papel e também por falta de incentivo financeiro institucional, levando-se em conta que muitas são voluntárias. Apesar de alguns



profissionais mostrarem dificuldade em relação a presença da doula e outros reconhecerem a importância do suporte oferecido por elas, deve-se considerar que a sua presença diminui significativamente o sofrimento da parturiente.

**Santos e Nunes (2009)** afirmam também que a falta de clareza sobre o papel da doula traz dificuldades para a equipe por acharem que devido sua proximidade com a parturiente elas poderiam realizar atividades e condutas que não estariam autorizadas.

Em contrapartida, Horta et al. (2011, p. 223) afirmam que a presença da doula no momento do parto “não se limita à sua introdução neste cenário”, ao se orientar pelas necessidades da parturiente, a doula busca resgatar o verdadeiro sentido do parto, promovendo-o como um evento familiar e social. Para as autoras, ao se doarem elas constroem um laço social e se diferenciam dos demais acompanhantes e profissionais de saúde em função da relação estabelecida com a parturiente.

Nota-se que existem diferenças entre a relação construída pela doula e a parturiente em comparação com o acompanhante, pois o acompanhante geralmente é alguém próximo da parturiente e a doula, por sua vez, cria um vínculo no momento que se aproxima oferecendo apoio e estabelecendo uma relação de confiança.

Foram apresentadas acima várias barreiras em relação à presença do acompanhante e doula durante o processo de parto o que nos mostra a realidade de muitas instituições que ainda não se adequaram ao modelo de assistência humanizada preconizada pelo MS, seja por falta de infra-estrutura ou despreparo dos profissionais.

## 4 CONCLUSÃO

Este estudo permitiu identificar que a presença do acompanhante durante o trabalho de parto proporcionou, às parturientes, a minimização de sentimentos como: solidão, medo e ansiedade, deixando-as mais calmas e tranquilas.

Em relação aos benefícios apontados pela presença do acompanhante, constataram-se a diminuição da dor, do tempo de trabalho de parto, do uso de medicamentos para alívio da dor, do número de cesáreas, apontando também para o fortalecimento do vínculo familiar e a valorização da mulher.

Como limites apontados pelas instituições e profissionais, percebe-se a dificuldade dos profissionais de saúde em lidar com a presença do acompanhante por medo da suposta violência dos acompanhantes e dos possíveis questionamentos sobre a conduta profissional, a alteração da assistência e da rotina hospitalar em virtude da presença do acompanhante. Constataram-se também dificuldades em trabalhar com doulas, por falta de clareza sobre o seu papel.

Apesar de a Lei do acompanhante existir desde abril/2005 e ser um direito da parturiente, muitas instituições limitam a presença do acompanhante, justificados por falta de estrutura física e liberdade das outras parturientes. Assinala-se, ainda, a desvalorização por parte dos profissionais.

Como profissional que atua em uma maternidade que apoia a assistência humanizada à parturiente, percebo de forma positiva que a presença do acompanhante apresenta inúmeros benefícios, tanto para parturiente, o familiar e o profissional envolvidos no processo de parto e nascimento, como foi apontado neste estudo.

## REFERÊNCIAS

\*ALEXANDRE, A. M. C.; MARTINS, M. A vivência do pai em relação ao trabalho de parto e parto. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 14, n. 2, p. 324-331, abr./jun. 2009.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Lei nº 9016 de 3 de janeiro de 2005. Dispõe sobre a garantia de acompanhamento a parturiente. **Diário Oficial do Município**, Belo Horizonte, 4 jan. 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria n. 1.459, de 24 de junho de 2011. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS - a Rede Cegonha. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 jun. 2011a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria n. 1067, de 4 de julho de 2005. Institui a Política Nacional de Atenção Obstétrica e Neonatal, no âmbito do Sistema Único de Saúde. **Diário Oficial da União**, DF, 06 jul. 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria n. 2.351, de 5 de outubro de 2011. Altera a portaria nº 1.459/GM/MS, de 24 de junho de 2011, que institui, no âmbito do sistema único de saúde (SUS), a Rede Cegonha. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 06 out. 2011b.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 11.108, de 07 de abril de 2005. Altera a Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir as parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS. **Diário Oficial da União**, DF, 8 abr. 2005.

\*BRÜGGEMANN, O. M.; OSIS, M. J. D.; PARPINELLI, M. A. Apoio no nascimento: percepções de profissionais e acompanhantes escolhidos pela mulher. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 44-52, fev. 2007.

\*BRÜGGEMANN, O. M.; PARPINELLI, M. A.; OSIS, M. J. D. Evidências sobre o suporte durante o trabalho de parto/parto: uma revisão da literatura. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1316-1327, set./out. 2005.

CARVALHO, M. L. M. Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 2, p. S389-S398, 2003.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

HORTA, J. C. A. et al. Tecnologia e inovação das doulas comunitárias: mediações na assistência ao parto. In: PINHEIRO, R.; MARTINS, P. H. (Orgs.). **Usuários, redes sociais, mediações e integralidade em saúde**. Rio de Janeiro: UERJ / IMS / LAPPIS, 2011, p. 223-229.

HOTIMSKY, S. N.; ALVARENGA, A. T. Definição do acompanhante no parto: uma questão ideológica? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 2, jul./dez. 2002.

JARDIM, D. M. B.; PENNA, C. M. M. O acompanhante e sua compreensão sobre o processo de nascimento do filho. **REME Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 373-381, jul./set. 2012.

LEÃO, M. R. C.; BASTOS, M. A. R. Doulas apoiando mulheres durante o trabalho de parto: experiência do Hospital Sofia Feldman. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 3, p. 90-94, maio 2001.

LONGO C. S. M.; ANDRAUS, L. M. S.; BARBOSA, M. A. Participação do acompanhante na humanização do parto e sua relação com a equipe de saúde. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 12, n. 2, 2010. Disponível: <[http://portais.ufg.br/projetos/fen\\_revista/v12/n2/pdf/v12n2a25.pdf](http://portais.ufg.br/projetos/fen_revista/v12/n2/pdf/v12n2a25.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2013.

MOURA, C. F. S.; LOPES, G. T.; SANTOS, T. C. F. Humanização e desmedicalização da assistência à mulher: do ensino à prática. **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 182-187, abr./jun. 2009.

\*MOTA, C. C. L.; CREPALDI, M. A. O pai no parto e apoio emocional: a perspectiva da parturiente. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 30, p. 105-118, jan./abr. 2005.

\*NAKANO, M. A. S. et al. O suporte durante o processo de parturição: a visão do acompanhante. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 131-137, abr./jun. 2007.

OLIVEIRA, A. G.; SILVA, R. R. Parto também é assunto de homens: uma pesquisa clínico-qualitativa sobre a percepção dos pais acerca de suas reações psicológicas

durante o parto. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v.16, n. 1, p. 113-123, jan./jun. 2012.

\*OLIVEIRA, A. S. S. et al. O acompanhante no momento do trabalho de parto e parto: percepção de puérperas. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 247-253, abr./jun. 2011.

OLIVEIRA, A. S. S.; RODRIGUES, D. P.; GUEDES, M. V. C. Percepção de puérperas acerca do cuidado de enfermagem durante o trabalho de parto e parto. **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 249-254, abr./jun. 2011.

PAZ, L. S.; FENSTERSEIFER, L. M. Equipe de enfermagem e o acompanhante no parto em um hospital público de Porto Alegre. **Revista Interdisciplinar NOVAFAPI**, Teresina, v. 4, n. 1, p. 9-13, jan./mar. 2011.

\*PERDOMINI, F. R. I.; BONILHA, A. L. L. A participação do pai como acompanhante da mulher no parto. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 445-452, jul./set. 2011.

RODRIGUES, A. V.; SIQUEIRA, A. A. F. Sobre as dores e temores do parto: dimensões de uma escuta. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 8, n. 2, p. 179-186, jan./mar. 2008.

\*SANTOS, D. S.; NUNES, I. M. Doulas na assistência ao parto: concepção de profissionais de enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 582-588, jul./set. 2009.

SÃO PAULO (Estado). Lei estadual n. 10.241, de 17 de março de 1999. Dispõe sobre os direitos dos usuários dos serviços e das ações de saúde no Estado e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/dh/volume%20i/saudelei10241.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

\*SILVA, A. V. R.; SIQUEIRA, A. A. F. O valor do suporte à parturiente: um estudo da relação interpessoal no contexto de um centro de parto normal. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 126-135, jan./mar. 2007.

\*SILVA, R. M. et al. Evidências qualitativas sobre o acompanhamento por doulas no trabalho de parto e no parto. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 10, p. 2783-2794, out. 2012.

\*SOUZA; K. R. F.; DIAS, M. D. História oral: a experiência das doulas no cuidado à mulher. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 493-499, 2010.

TEIXEIRA, L. P.; SÁ, R. S.; ARRAIS, A. R. Percepções da equipe obstétrica sobre a presença do pai durante parto e sobre a lei do acompanhante. **Revista Eletrônica de Psicologia e Políticas Públicas**, Goiânia, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.crp09.org.br/NetManager/documentos/v1n1a8.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

TELES, L. M. R. et al. Parto com acompanhante e sem acompanhante: a opinião das puérperas. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 688-694, out./dez. 2010.

VELASQUE, E. A.; PRADEBON, V. M.; CABRAL, F. B. O enfermeiro no processo parir/nascer: estratégia de cuidado e humanização do parto. **Revista de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria**, Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 80-87, jan./abr. 2011.